

História da Filosofia

23 Problema dos Universais

Por Dr. Arthur Holmes do Wheaton College

Bem, o nosso tema de hoje, dando continuidade à discussão sobre o início da Idade Média, até Tomás de Aquino, é o problema dos universais. E eu gostaria de começar com a formulação que Boécio deu a esse problema no século X. Então, vejamos.

Ah, acho que preciso me aproximar mais, não é? Isso. Agora só precisamos focar . Entendido.

Na formulação do problema dos universais por Boécio, ele o apresentou em três questões, às quais, na discussão subsequente, foi acrescentada uma quarta. Primeiro, os gêneros e as espécies realmente existem na natureza , isto é, fora da mente, ou são meramente construções mentais? Em outras palavras, existem formas reais? E, naturalmente, a resposta afirmativa a essa questão leva a uma conclusão realista. Assim, falamos de uma teoria realista dos universais, segundo a qual existem universais reais independentemente de meros conceitos universais ou da aplicação universal de termos.

Certo, realismo. A segunda questão é: se são realidades, são materiais ou imateriais? Ou seja, são transcendentais em algum sentido platônico, ou esses universais são materializados em particulares ? E aí reside basicamente a distinção entre as tradições aristotélica e platônica, dois tipos diferentes de realismo: formas transcendentais ou iminentes. A terceira questão, portanto, é se existem à parte dos particulares ou dentro deles. E a quarta questão que se acrescenta é se os conceitos universais são pensados separadamente dos particulares? Ou seja, podemos pensar em universais em abstração? Sem qualquer referência a exemplos particulares , de modo que, normalmente, se eu disser marrom, você tende a imaginar um certo tipo de marrom, não é? Se eu disser quadrado, você imagina um certo desenho ou não? Ora, pensá- los separadamente dos particulares significa sem referência a qualquer exemplo particular ou imagem mental desse tipo.

Pensar abstratamente, empregar, passaria a ser conhecido como ideias gerais abstratas. Podemos falar de ideias gerais referindo-se a um particular, mas ideias gerais abstratas sem referência a particulares. E essa visão de que existem conceitos universais que pensamos separadamente dos particulares produz a teoria conceitualista, distinta da teoria nominalista.

Certo? Bem, você pode ver como essas questões poderiam ter gerado muita discussão, o que de fato aconteceu, e, como resultado, o problema dos universais, à medida que se desenvolveu, conforme a discussão se desenvolveu, gerou essas quatro visões iniciais. Tomás de Aquino posteriormente aprofunda o assunto. Já

mentionei que Boaventura o aprofundou um pouco mais, e então teremos que nos referir a Duns Scotus, que o aprofunda ainda mais, antes que finalmente Guilherme de Ockham repudie tudo.

Certo? Então, algumas palavras iniciais sobre a primeira posição, frequentemente rotulada como realismo extremo ou exagerado. Uma visão atribuída a João Escoto Erugina, às vezes a Anselmo, embora ele possa ser um tanto ambíguo a esse respeito. Ora, o realismo exagerado é a visão de que as formas, as formas das espécies e dos gêneros (gênero é o plural de gênero, claro), existem na realidade separadamente dos particulares, enquanto cada particular participa dessa mesma forma.

Mas as formas não existem apenas dessa maneira transcendente; de alguma forma, elas existem também nos particulares, de modo que há uma identidade entre os particulares em virtude de participarem dessa mesma forma, numericamente uma, que se repete em cada caso particular. Esse tipo de realismo forte. E o que diferencia os indivíduos é simplesmente o grau de privação que existe, a privação da participação plena na forma.

Assim, em graus variados, cada um de nós, como indivíduos, é menos plenamente humano do que o ser humano ideal seria. E nossa individualidade consiste nesse grau apropriado de, como queiram chamar, privação, é a palavra que se usa. E como conhecemos essas formas? Pela dialética e pela iluminação da mente pelo lugar divino.

Então, essa é uma espécie de visão platônica, sem dúvida. E foi por um tempo, pelo menos, dada a aplicação teológica, o que a tornou particularmente atraente. Se três particulares podem participar da essência de uma forma, então pode-se falar de três subsistências pessoais dentro da essência de uma divindade.

Assim, tornou-se o esquema metafísico por meio do qual se articula a doutrina da Trindade. De maneira semelhante, com a ideia de uma igreja universal, uma igreja na qual indivíduos particulares participam da mesma forma. Da mesma forma, com relação ao pecado original como o universal, que se evidencia em todos os nossos casos particulares, ou à transubstanciação, onde são os acidentes particulares que experimentamos que permanecem os mesmos, embora a essência seja transformada, a realidade subjacente se transforma da essência do pão para a essência do corpo, da essência do vinho para a essência do sangue.

Assim, a presença real de Cristo na Eucaristia, nesse sentido de transubstanciação, tornou-se evidente. O realismo exagerado, então, recebeu diversas aplicações teológicas e, compreensivelmente, inicialmente houve uma forte resistência a esse tipo de realismo, por considerá-lo teologicamente essencial. Um dos principais

defensores do realismo exagerado foi um homem chamado Guilherme de Champeau.

Traduzindo do francês, o resultado é Bill Field. Não é? Mais tarde, você encontrará Robert Grossetest, que se traduz como Bobby Fathead, mas tudo bem. Claro, essa é a tradução literal, não é? O francês do século XVI não tinha o -séquan -flex; tinha um s em vez do -séquan-flex, então Grossetest é Grossetat, Fathead, cabeça, ok.

Bem, falando em Guilherme de Champeau, Bill Field, ele parece ter defendido essa posição, mas sofreu muitas críticas de Rosalinda e Abelardo, você pode ler sobre isso em Stumpf, e então ele recuou para uma posição alternativa que geralmente é chamada de indiferentismo, indiferentismo, na qual ele admitia que as formas existem na realidade, sim, mas apenas na realidade dos particulares, não em um sentido transcendente, apenas na realidade dos particulares, e cada particular, então, participa dessa forma, todos os membros de uma espécie participam indiferentemente dessa mesma forma, de modo que, em essência, indiferentes às diferenças individuais, em essência compartilhamos a mesma forma, em acidentes, para usar a terminologia aristotélica, em acidentes em vez de essência, isto é, em nossas diferenças individuais, sim, somos diferentes, mas em essência, indiferentes, e essas formas, então, são conhecidas em virtude do fato de que todos os membros da espécie compartilham essas propriedades essenciais, que é possível reconhecer e pensar em abstração. Partindo dessas semelhanças recorrentes em cada membro de uma classe, o recuo, então, foi para um realismo imanentista; as formas são iminentes em vez de transcendentais, e são formas conhecidas por abstração em vez de dialética. Parece que ele está se aproximando de uma posição aristotélica. Ora, mesmo essa alternativa era inaceitável para Rosalinda, que defendia uma posição nominalista. Assim, segundo o nominalista, não existem formas reais, nem formas reais de um tipo transcendente, nem formas reais de um tipo iminente. Nada delas existe fora da mente. Além disso, dentro da mente, não pensamos em termos de universais; não existem ideias gerais abstratas, nem conceitos universais. Ah, existem palavras que parecem ter referência geral, termos gerais, substantivos comuns: a palavra "humano", a palavra "marrom", a palavra "quadrado", a palavra "justiça". Bem, claro, esses são termos gerais, mas os termos são universais apenas no sentido de que se referem a cada membro de uma determinada classe; o termo é um termo particular, o som. É um som específico, é escrito de uma maneira específica, a palavra é um termo específico, mas é usada universalmente para toda uma classe sem referência a particularidades. Aliás, é usada para toda a classe sem referência a nada além de particularidades. Certo? É usada com referência a todas as particularidades da classe indiscriminadamente. Assim, o termo nominalismo indica que a única coisa universal é a forma como o nome, nominalismo, é usado para se referir universalmente a toda uma classe. Portanto, para o nominalista, a única coisa universal é a referência universal de uma palavra específica, um termo específico. Não existem universais reais, e não pensamos em conceitos universais. Agora, consegue perceber as implicações disso? Bem, teologicamente, Rosalinda foi acusada

de triteísmo, três deuses, semelhantes, mas não um só, três particulares semelhantes, triteísmo, e foi acusada de negar a existência de qualquer universal da Igreja, ou de qualquer pecado original, simplesmente porque essas doutrinas haviam sido defendidas em termos de uma teoria de universais reais, mas completamente à parte das questões teológicas, o que, aliás, levou à condenação do nominalismo no Concílio de Soissons em 1093. Além desses problemas teológicos, há a consequência filosófica adicional de que, se não existem universais reais, não existe uma lei moral natural inerente à essência da natureza humana.

Não existe uma lei moral natural e, como você deve saber, a teoria da lei moral, a lei moral natural, foi desenvolvida por Agostinho e tornou-se muito significativa com Tomás de Aquino, mas mesmo nessa fase, nos séculos X e XI, já havia se tornado uma parte importante da tradição filosófica medieval. Não, Rosalinda conseguiu chegar a essa conclusão porque a lei moral natural nos impõe obrigações morais universais em virtude da universalidade da natureza humana. Como a lei moral está dentro de nós? Em virtude da forma, que nos confere essa natureza essencial e intenções essenciais, esse propósito.

Então, o nominalismo. Embora tenha sido condenado no século XI, quando chegamos a Guilherme de Ockham, nos séculos XIV e XV, descobrimos que ele reviveu o nominalismo. Ele é geralmente considerado um dos principais nominalistas, e foi o nominalismo de Guilherme de Ockham que foi assimilado por Martinho Lutero e teve um enorme impacto na filosofia dos séculos XVI e XVII.

Certo? Então, observe como isso se repete. Na prática, o nominalismo afirma que a explicação metafísica clássica para a ordem da natureza e para a justiça cósmica — a explicação clássica que remonta ao laço de Anaxágoras, ao logos de Heráclito e à teoria das formas em desenvolvimento — é falsa. Portanto, destruiria, na prática, toda a subestrutura metafísica do pensamento grego e medieval.

Seria radicalmente revolucionário. Tão compreensível que tenha sido rejeitado dessa forma. Então, começou a surgir uma posição de compromisso, representada pelo conceitualismo de Abelardo, que estava disposto a concordar com Rosalinda que não existem formas transcendentais ou eminentes na realidade, mas discordava dela sobre se concebemos conceitos universais.

Abelardo insistia que os conceitos universais existem, ocorrem em nossas mentes e que os pensamos separadamente dos particulares. Desenvolvemos ideias gerais abstratas. Ora, é verdade que as ideias gerais abstratas nem sempre são muito claras.

Elas podem ser muito gerais, mas somos capazes de concebê-las abstratamente, e isso possibilitou a conceitualização de princípios universais, a conceitualização de

espécies, etc., embora sem referência correspondente a formas reais de natureza extramental. Bem, essas são as quatro principais visões. Você entendeu a ideia geral.

É verdade que pode ser um pouco confuso no início, mas vamos distinguir a questão de se existem conceitos universais da questão de se existem universais reais. Certo, e você pode começar a ver como essas posições se alinham. O realismo extremo defende ambas as hipóteses.

O realismo extremo defende ambas as hipóteses e afirma que existe uma correspondência direta entre nossos conceitos e os universais reais. E, na medida em que a dialética os aborda com iluminação, somos capazes de alcançar o tipo de conhecimento que Platão vislumbrou. Por outro lado, o indiferentismo afirma que sim, existem conceitos universais reais e universais reais.

Nós pensamos em conceitos universais, e existem universais reais. Embora, hum, a relação entre eles não seja tão clara. É uma relação muito mais aproximada, a relação entre nossos conceitos e as coisas.

Não é tão bom assim. Terceiro, o nominalista quer dizer não a ambos, e o conceitualista quer dizer sim aos conceitos e não aos universais reais. Certo.

Bem, acho que ele diria que simplesmente aprendemos a usar o mesmo sinal para todos os tipos de gato. Hum, então qual é a mágica disso? Se você pensar em gato em geral, você simplesmente tem a imagem de algo vagamente parecido com um gato, indefinido em relação a detalhes, não grande nem pequeno, etc., etc. Ou talvez você não imagine nada em particular, mas o gato simplesmente, hum, é um som que ressoa na sua mente e que você consegue usar para se referir a ele.

Sim, mas pergunte-se: quando pensamos abstratamente, o que pensamos? Veja bem, e em última análise, acho que você tem que dizer que o pensamento abstrato, independentemente da visualização de detalhes, usa símbolos, sejam símbolos verbais ou algum outro tipo do que, hum, Harold Best e o Conservatório chamam de linguagem. Veja, símbolos musicais ou o que for. Sim.

Você pensa usando símbolos. O símbolo, então, é uma forma de pensar sobre uma abstração. Quando você pensa na América, o que lhe vem à mente? Estrelas e listras? O hino nacional em um jogo de futebol americano? A imagem de um mapa? O que lhe vem à mente? Ou você pensa em... certos ideais? O que lhe vem à mente? Veja bem, e acho que é óbvio que você pode pensar na América em termos de, digamos, a imagem de um mapa.

Bem, como eu suspeito que alguém que cresceu em outra cultura também pensaria. Confesso que, quando criança, crescendo na Grã-Bretanha, eu pensava na América

em termos de arranha-céus e filmes de Hollywood. Veja bem, eu não tinha uma ideia abstrata da América.

Eu simplesmente tinha certas imagens mentais. Hum, então não é implausível dizer, como Russell pretende, que as únicas coisas universais são as palavras, e elas não são universais; são palavras particulares. Veja bem, não é implausível, e acho que só quando se examina os processos mentais é que se percebe que, quando se pensa abstratamente, não se pensa nas palavras, mas sim com as palavras.

As palavras são as ferramentas para o pensamento abstrato. Quem pensa abstrato não são os pensadores abstratos. Você não está pensando as palavras.

Bem, eu admito, nas primeiras semanas de um curso introdutório de filosofia, você pensa nas palavras. Você se lembra desse processo? Como as palavras eram o que você estava pensando. Agora, o que esta palavra significa? O que aquela palavra significa? Como elas se encaixam? Sabe, esse tipo de processo é como aprender uma nova língua.

Você pensa as palavras. Enquanto que, a essa altura, você já aprende a pensar de forma abstrata sobre teorias de universais e a fazer perguntas bastante abstratas, nas quais as palavras são os veículos para realizar o pensamento. Mas você não está pensando as palavras.

Você está pensando nas ideias. Sim, não sabemos muito sobre a visão de mundo desenvolvida de Rosalinda, mas posso lhe dizer como ela se desenvolveu quando chegarmos a Guilherme de Ockham. Abordaremos isso mais detalhadamente então.

Mas, essencialmente, o que Guilherme de Ockham fez foi desenvolver o que hoje chamamos de teoria do mandamento divino. Qual é a sua ética? Bem, é o que Deus lhe diz para fazer. É uma ética de obediência aos mandamentos de Deus.

Uma ética de amar a Deus como Ele nos ensinou a amá-Lo. E se Deus não tiver dado mandamentos específicos? Então Ockham falou sobre o exercício da reta razão. O que é a reta razão? Ah, é analisar as consequências de uma ação para ver se ela contribui para o tipo de coisa que Deus nos diz para contribuir.

Certo? Basicamente, tudo se resume a uma teoria do comando divino. Obviamente, é assim que funciona dentro de um contexto teísta. Fora desse contexto, sem essa metafísica, o que resta é provavelmente puro empirismo.

Entende? O que um empirista puro faz em relação à ética? Bem, ele se torna um consequencialista. Como John Stuart Mill, ele é utilitarista. Ou ela se torna, veja bem, eu disse "ele" em relação ao consequencialismo, agora estou mudando o pronome para "ela".

Não, sabe, nós sorrimos, nós rimos, porque estamos nos adaptando a maneiras mais cuidadosas de usar a linguagem. Mas você vai perceber que muitos escritores tendem a alternar o gênero dos pronomes. Por respeito a ambos.

Penso que é uma boa maneira de fazer isso. Alternativamente, o empirista poderia se voltar para o desenvolvimento de algum tipo de ética enraizada em sentimentos morais, em certos tipos de emoções. David Hume faz isso.

O tipo de subjetivismo ético em que se referem sentimentos subjetivos ao dizer que algo é certo ou errado. Portanto, o subjetivismo e o consequencialismo são resultados típicos de uma abordagem empirista enraizada na rejeição nominalista de universais reais. Note que eu não disse relativismo.

Eu não disse relativismo. Porque nem todo empirismo leva ao relativismo. Obviamente, se existe uma ética do comando divino, ela não é relativista, entende?

E um utilitarista tem pelo menos um princípio de utilidade, que não é um princípio relativo. Esse é o único ponto de referência fixo, entende? Portanto, não é necessariamente relativista.

Não é justo dizer que, sem universais, tudo será necessariamente relativista. Não, ele não fala. Não, ele está dizendo que não existem universais reais, metafisicamente reais.

Platão estava errado. Não é que não saibamos. Isso seria ceticismo.

Por que precisaríamos disso? Bem, como faríamos matemática se não pensássemos em termos de abstrações? O número dois é uma abstração, exceto em conjuntos específicos de dois. Uma linha reta é uma abstração porque tem comprimento, mas não largura, entende? Então, a pergunta que fica é: por que fazemos matemática? Ou, se fazer teologia exige abstrações, por que fazemos teologia? Se a metafísica exige abstrações, se a ciência teórica exige, por que fazemos essas coisas? E você pode dizer: "Bem, elas são interessantes, não são?". Ou você pode querer dizer: "Ah, sim, mas pense nas implicações, na maneira como podemos usar o que descobrimos nessas áreas".

Sim. Ou, se você for um empirista puro, como John Stuart Mill ou o positivista lógico do século XX, dirá que esse tipo de discurso que não tem referência direta, nem a particularidades, direta ou indiretamente, é completamente sem sentido. Esqueça.

Que é exatamente o que disse A.J. Ayer, positivista lógico do século XX, e nós o leremos no final do segundo semestre. Sim. Nesse caso, a ética deixa de ser uma questão de discutir sentimentos subjetivos.

A ética se torna uma mera questão de emoção. Dizer que algo está errado não significa nada, porque a palavra "errado" é uma abstração que não se refere a nada. Então, em vez de dizer que algo está errado, você simplesmente expressa sua emoção a respeito disso, você grita a respeito disso, você vaia isso.

Sim. Mais uma vez. Sim.

Bem, existem realmente duas maneiras de falar sobre a igreja como um todo . Você pode falar dela como uma coleção particular de indivíduos, caso em que você usa generalizações empíricas, entende? Ou você pode falar dela como algo diferente ou maior do que uma coleção particular de indivíduos, caso em que você precisa lidar com uma abstração, como a abstração do corpo de Cristo.

Observe o simbolismo da palavra, entende? Ou a noção de igreja universal. Ou, como diz o Credo dos Apóstolos, uma única igreja santa e católica, onde a palavra católica, obviamente, significa universal.

Portanto, você pode falar sobre algo como a igreja usando abstrações ou generalizações empíricas. E o nominalista prefere fazer isso da segunda maneira: generalizações empíricas.

Isso responde à pergunta? Sim. Veja bem, o que estou tentando fazer é o seguinte: discordo do nominalismo, acho que está errado. Mas quero defender a plausibilidade dessa posição, mesmo achando que está equivocada.

Não acho que seja um absurdo. Como Rosalinda veria Deus? Como um ser específico. Não é assim que você vê Deus? Sim, mas, quer dizer, não vemos Deus de forma abstrata? Espero que não de forma tão abstrata.

Espero que ele seja mais do que uma ideia abstrata. Sim, mas em certo sentido, sim. Bem, depende do que você quer dizer com vê-lo de forma abstrata.

Você perguntou qual é a visão dele sobre Deus. A visão de Rosalinda sobre Deus é que Deus é o criador do céu e da terra, que se encarnou em seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor, nasceu da Virgem Maria, sofreu sob o reinado de Pôncio Pilatos, etc., etc. Você discorda? E quanto a antes da criação do mundo? Sim, Ele existia antes da criação do mundo.

Isso não é uma abstração. É simplesmente dizer que um determinado ser existiu antes de um determinado momento. Então, eu existi antes de um determinado momento?

Não há nada de abstrato nisso. Tente novamente. Veja bem, David, acho que em sua pergunta pode haver uma espécie de ambiguidade implícita entre dois sentidos diferentes de abstrato, onde um sentido de abstrato se refere a Deus antes da criação do mundo, você diz abstratamente.

Não, eu diria por extrapolação, extrapolando para trás. E o outro sentido é o de usar ideias abstratas de universais. Não, mas veja bem, eu tenho dificuldade se o realista exagerado — não tenho certeza se o realista exagerado fez isso — mas se o realista exagerado quisesse dizer que Deus é um universal, veja bem, dentro do qual existem três particulares.

O que você quer dizer com Deus ser universal? Não, Deus é um ser complexo e particular, três em um, um em três, entende? A doutrina trinitária não diz que Deus é universal no sentido de uma forma platônica, diz? Não, de alguma forma, a doutrina da Trindade afirma que Deus não é o próprio ser em abstrato, mas um ser particular que é a fonte de todos os outros seres, entende? E o fato de você estar falando de um ser particular que é invisível não significa que você está falando em abstrato ; significa que você está falando de algo que não vê.

Bem, o que é bondade? Você é um ser particular que é bondoso. Quero dizer, você busca manifestações comportamentais quando quer falar de alguém que é bondoso, e busca manifestações comportamentais quando quer falar de alguém que é santo. Mas então você não diria que isso levaria a uma afirmação universal, porque cada uma tem, quero dizer, partindo de um ponto de vista conceitualista? Sim, mas veja bem, tenha cuidado, porque o fato de você fazer uma afirmação universal pode ser simplesmente uma questão de generalização.

Uma afirmação universal poderia logicamente ter esta forma. Retomando a frase, percebe-se que se trata de uma afirmação universal. Ou outra afirmação universal seria algo como: se todos dissessem isso, seria uma afirmação universal.

Agora, você não está preocupado com afirmações universais; se você está falando de universais, está falando de afirmações sobre universais. Veja bem, em nenhuma dessas duas há uma afirmação sobre universais. A primeira é uma afirmação sobre particulares, uma afirmação geral sobre particulares.

A segunda é uma afirmação específica sobre uma manhã específica. Nenhuma delas é uma afirmação sobre universais. Ok, lá está aquela sutil ambiguidade de novo.

Sim, Kristen. Sim, mas veja bem, a doutrina do pecado original não diz simplesmente que todas as pessoas são pecadoras. Ela diz que, de alguma forma, todos nós participamos do pecado de Adão.

Veja bem, essa é uma afirmação diferente. E dizer "participar do pecado de Adão" é como dizer que somos particulares participando de um universal, entende? Sim, pode muito bem ser.

Mas qual é o veículo da participação? Veja bem, será que existe uma humanidade comum, uma natureza humana comum, uma forma real imanente dentro de nós, de modo que o que Adão fez deturpou essa forma real da qual todos fazemos parte? Essa é uma das maneiras de explicar. Mesmo que, na tradição tertuliana e na tradição estoica, fosse a alma particular que continha todas as almas dos sucessores que teria sido deturpada, de modo que, no processo reprodutivo, terminássemos com almas deturpadas. Isso porque, na teoria traduciana, as almas, assim como os corpos de todos os descendentes de uma pessoa, estão contidos na semente do progenitor.

Sim, e assim as sementes carregam as fraquezas congênicas. Sim, sim. Você quer dizer, como é a visão do pecado original? Sim, o argumento, se alguém adota a visão traduciana de que a semente do pai contém as almas dos descendentes, e Jesus Cristo não teve um pai terreno, entende, então ele estava imune a herdar o pecado original.

Então, tudo se encaixa perfeitamente, o que muitas vezes é o que torna certas teorias atraentes: essa perfeita conexão. Bem, vamos voltar aos universais, certo? Assuntos fascinantes. Gostaria que alguém na conferência desta semana tivesse apresentado um artigo sobre a lógica do pecado original em alguns dos autores medievais, mas não temos nenhum.

Muito bem, agora, e quanto a Tomás de Aquino em relação a essa teoria dos espinhos, essas teorias dos espinhos? Agora, vocês conseguem se lembrar do que eu estava dizendo ontem ao analisar os primórdios do pensamento medieval sobre a influência da tradição aristotélica? Eu estava falando sobre Averróis, o filósofo árabe, o filósofo muçulmano, a interpretação de Averróis sobre Aristóteles, que envolve a afirmação de que a matéria é eterna e não existe imortalidade individual, e essas duas afirmações foram vistas como tornando Aristóteles incompatível com o cristianismo, de modo que Boaventura disse um sonoro não a Aristóteles e continuou com seu platonismo. Na verdade, o que Boaventura propõe é que os arquétipos, as formas como arquétipos, estão na mente de Deus, de modo que um Deus que, como o Deus de Aristóteles, pensa, não está apenas pensando em seus próprios processos de pensamento, mas pensando nessas ideias arquetípicas, nesses exemplos em sua própria mente. E visto que esses arquétipos, essas formas na mente de Deus, são formas não apenas de espécies e gêneros, mas também de todas as qualidades particulares, segue-se que Deus pode pensar em todas as combinações particulares de qualidades imagináveis e, nesse sentido, pode pensar em todos os indivíduos possíveis.

Deus pode conhecer indivíduos, e um Deus que pode conhecer indivíduos pode ser considerado como criador de indivíduos, não estando limitado a ser apenas a causa final. Ele também pode ser uma causa eficiente, o criador do universo. Então, Deus cria indivíduos com aquelas qualidades particulares para as quais Ele, em Sua sabedoria, possui arquétipos, em combinação, entende? E ao criar esses indivíduos, Ele cria mentes com qualidades particulares, corpos com qualidades particulares e, como indiquei da última vez, Ele concebe uma matéria comum que é neutra em relação à distinção entre qualidades corporais e qualidades da alma, qualidades racionais, de modo que a combinação de alma e corpo seja capaz de sobreviver à dissolução — eu disse alma e corpo? — da alma racional e da matéria, e a matéria que compõe a alma racional seja capaz de sobreviver à dissolução do físico, entende? E assim a imortalidade individual é possível.

Bem, Boaventura desenvolveu sua posição em resposta à interpretação de Averróis sobre Aristóteles, que afirmava a inexistência da imortalidade individual. Deus não pode criar, muito menos criar indivíduos, porque Ele só pensa em Seu próprio pensamento, entende? Mas Tomás de Aquino — e é aqui que ele entra, entende? — opta por modificar Aristóteles. Se, de outras maneiras, a metafísica aristotélica, com sua teleologia — uma teleologia muito mais explícita do que a de Platão —, se a metafísica aristotélica, com sua teleologia, é, de outras maneiras, preferível à tradição platônica, podemos então modificar a metafísica de Aristóteles para torná-la compatível com o cristianismo? E, partindo do que Boaventura havia considerado ausente, o que Aquino faz é adicionar à metafísica aristotélica, primeiramente, o exemplarismo de Agostinho, a visão de que as formas são exemplares, arquétipos, na mente do logos. Ora, você não encontra o logos vagando pela metafísica de Aristóteles.

Você só tem um motor imóvel, não um logos que incorpora toda a sabedoria das ideias eternas, entende? Então, Tomás de Aquino acrescenta a doutrina do logos com seus exemplos na mente de Deus e, com isso, a afirmação de que Deus é o bem. Portanto, para Aquino, veja bem, sua ética não será aquela em que a realização humana é o bem, como era para Aristóteles. Veja, a realização humana não é o bem supremo.

Deus é o bem supremo, e Tomás de Aquino quer seguir Agostinho nesse aspecto. Ora, essa é a primeira coisa que ele acrescenta: o exemplarismo. Deus o Logos, Deus o bem supremo, Deus é, em última análise, o exemplo para toda a criação, e toda a criação busca ser como Deus.

É a teleologia interior. Agora, ele também quer acrescentar a afirmação de que Deus conhece suas criaturas e, portanto, poderia criar indivíduos de vários tipos, e criá-los do nada, em vez de da matéria, de uma matéria eterna. Então Deus conhece suas criaturas, as conhece de antemão e, portanto, poderia criá-las.

Exni, olá. Bem, é isso que ele quer adicionar. E a questão é: como ele faz isso? É isto que ele quer fazer.

Como ele faz isso? Bem, deixe-me esboçar algo agora que analisaremos com mais detalhes na próxima semana. Primeiramente, gostaria de destacar que sua Suma Teológica, uma de suas duas principais obras, da qual temos alguns trechos na antologia, foi escrita em resposta aos averroístas, em resposta às pessoas que defendiam essa interpretação de Aristóteles. O averroísmo, claro, entre os cristãos, para lidar com os problemas de Aristóteles, tinha a doutrina da dupla verdade, de modo que existem verdades da fé e verdades da razão.

Qual é, então, o primeiro tema que ele aborda em sua Suma Teológica? A relação entre fé e razão. Bem, os averroístas tinham essa concepção insuficiente e inadequada de Deus. Qual é o segundo tema que ele aborda em sua Suma Teológica? A concepção de Deus.

E quando chegamos às suas cinco provas da existência de Deus, famosas por comprovarem tal existência, o que quero mostrar é que ele estabelece que se pode usar premissas aristotélicas para argumentar a favor de um Deus não aristotélico. Porque o Deus que, na conclusão de suas provas, é um Deus cuja essência é existir, um Deus que é a fonte do ser, bem como da ordem e do bem, um Deus que conhece exemplos, formas, em sua própria mente, um Deus inteligente que dirige todas as coisas com um propósito. Essas são características de Deus que Aristóteles não conseguiu afirmar.

Em outras palavras, a concepção de Deus, mesmo no início da Suma Teológica, é muito mais a de um Deus aberto a ser o Deus cristão do que a do motor imóvel de Aristóteles. Agora, qual é o ponto crucial disso? Bem, o ponto crucial, como eu vejo, é duplo, e você pode ver como ele se inspira em Boaventura. Primeiro, Deus é o logos.

Deus conhece as formas em Sua mente, mas, ao conhecer as formas dentro de Sua própria mente, esses exemplos, Deus conhece cada criatura individual que criou ou que ainda criará. Como isso é possível? Bem, veja bem, ao conhecer os exemplos, Deus conhece tudo o que é possível. Deus conhece todas as possibilidades implícitas em um universo material.

Ele conhece todas as possibilidades que poderia extrair da matéria-prima. Ora, matéria-prima é matéria primária, à parte de qualquer forma. Uma matéria que já possui algum tipo de forma é chamada de matéria signato.

É uma espécie de matéria designada, matéria designada. Mas Deus compreende todo o potencial que existe na matéria primordial, potencial que pode ser revelado pela atribuição de forma. Ora, não é que a matéria primordial já exista eternamente.

Não é que a matéria-prima possa sequer existir por si só. Ele é aristotélico. Matéria e forma estão sempre em combinação.

Mas, conhecendo todas as combinações possíveis, ele conhece todas as possibilidades que existem nessa coisa hipotética, a matéria-prima, entende? Então, até mesmo a matéria tem boas possibilidades e é, em certa medida, boa. Onde você ouviu um ditado grego dizer que a matéria é boa? Entende?

A matéria-prima é boa. Portanto, em toda a hierarquia do ser, existem graus de ser e bondade desde Deus até a matéria-prima. E ao atualizar alguma possibilidade que a matéria-prima possui, ela traz algo à existência a partir de quê? Do nada, porque a matéria-prima nada mais é do que uma possibilidade vazia.

Ele traz algo à existência, algo que antes era mera possibilidade, à existência real. Deus confere existência dando forma ao que, de outra forma, seria uma possibilidade informe. E cada coisa particular que Ele cria atualiza alguma dessas possibilidades.

Cada coisa individual tem, portanto, suas próprias possibilidades, sua própria natureza, que Deus conhece. Cada coisa individual tem seu próprio télos, seu próprio fim próximo. Um fim próximo é um fim particular, distinto do fim último de todas as coisas da criação como um todo.

O objetivo final de todas as coisas da criação como um todo é ser como Deus, glorificar a Deus, veja bem, glorificar a Deus em virtude de alcançar esses fins imediatos, esses bens, que são os fins imediatos. Assim, cada coisa individual tem seu próprio bem em ser como Deus, da maneira como, enquanto coisa individual, sua própria natureza é projetada para ser como Deus em grau. E dessa forma, encaixando-se em toda a hierarquia do ser, de modo que toda a criação, veja bem, nessa hierarquia que não tem lacunas nem falhas, como um todo, imita a Deus e é para a glória de Deus.

Então, o que ele faz com sua teoria das formas é, primeiro, dizer que as formas são arquétipos na mente de Deus; segundo, dizer que esses arquétipos tornam possível que cada indivíduo tenha uma natureza dada por Deus; e terceiro, que essa natureza dada por Deus se encaixe no propósito geral do cosmos, que é ser bom como Deus é bom, cada parte contribuindo em grau para o todo. E Deus, então, conhecendo as formas, conhece os indivíduos, e os indivíduos dentro de qualquer espécie de cada indivíduo. Sim, ele não os chama de formas de indivíduos; ele os chama de naturezas, mas essas naturezas individuais incluem a essência de toda a espécie.